

A causa secreta de Cristovão Tezza: a ambiguidade em *O professor*

Cristovão Tezza's secret cause: ambivalence in *O professor*

VIVIAN SCHLESINGER

Escritora, tradutora, mediadora de debates de literatura brasileira e internacional; ministra oficinas de escrita e crítica literária na Casa das Rosas (Secr. de Cultura do Estado de SP), Clube Hebraica (SP), Livraria Martins Fontes, Academia Paulista de Letras e na Sociedade Israelita de Campinas. Colunista do Jornal Rascunho.

Resenha de: TEZZA, Cristovão. *O professor*. Rio de Janeiro, Record, 2014.

AO PUBLICAR *O FILHO ETERNO* (RECORD, 2007), SEU DÉCIMO SEGUNDO ROMANCE, Cristovão Tezza recebeu tantos prêmios que lhe foi possível finalmente retirar-se da vida acadêmica para dedicar-se exclusivamente à literatura. Alguns anos e quatro romances mais tarde, publicou *O professor* (Record, 2014), romance sobre um catedrático de filologia românica que rememora toda sua vida em uma manhã. Heliseu da Motta e Silva, 70 anos, prepara-se para ir à universidade, onde receberá uma homenagem dos colegas e deverá fazer um discurso de agradecimento.

Em frente ao espelho do banheiro, debaixo do chuveiro, ou sentado no vaso, oscila entre a memória da infância infeliz até o presente, incluindo referências a Dilma e à corrupção. Os azulejos e suas rachaduras servem de portais para outros tempos. Da morte da mãe, possivelmente pelas mãos do pai, à relação neurótica com a esposa, Mônica, passando pela rejeição ao filho gay, nada fica intacto. Acima de tudo, o romance com uma aluna judia, Thérèse, e o abalo sísmico que ela causa em sua visão de mundo, são desfiados sem a menor autocompaixão. Mas nada é tão simples para um homem de 70 anos.

O Professor Heliseu está confuso. Levantou-se da cama com o propósito de preparar o discurso que irá proferir ao receber o Prêmio de Mérito Acadêmico. Não sabe o que dizer. Sabe que não pode dizer tudo que gostaria. Seu discurso terá de ser ambíguo, como tudo tem sido em sua vida. Esse é o dom recebido de seu hábil criador, Cristovão Tezza.

Usando a memória como via de acesso, mas tempo e espaço como plataformas múltiplas de aterrissagem, Tezza leva seu personagem a contar duas histórias: uma pessoal, de um filólogo, amante mais das palavras do que das pessoas, e outra do Brasil, de milhões de pessoas comuns à mercê de seu tempo, política, economia, tabus. Enquanto Heliseu faz sua rotina matinal, detalhe por detalhe, a enxugar os dedos, reentrância por reentrância, sentindo as calosidades, machadianamente dentro de três cômodos (dormitório, banheiro, copa), conversa com si próprio décadas mais jovem, reconstruindo, “azulejo por azulejo” (TEZZA, 2014, p. 133), seu casamento com uma mulher mal-humorada, sua relação sempre ruim com o filho homossexual e sua

paixão por uma aluna judia, francesa, vinte anos mais jovem. A cada movimento, seja escovar os dentes ou desabotoar o pijama, Tezza desnuda esse velho até deixá-lo apenas com esperança de recomeçar: afirma que poderia ter uma longa conversa com o filho, com quem não fala há mais de dez anos, sobre o amor.

Mas engana-se quem procura pistas para um julgamento final: tudo neste romance é ambíguo. A começar com o próprio protagonista, ora narrador de si, ora observador pretensamente objetivo, que não consegue aceitar as causas do descaminho de seu casamento. Na política, sua grande convicção é que ela é inútil, mas não enfrenta o patrulhamento ideológico da universidade, nem mesmo para afirmar sua neutralidade. No amor, ama, mas nem tanto – falha no momento em que é testado: esquece ou omite propositalmente o nome da aluna a quem tanto devia. Confessa: tudo que havia de novo em seu trabalho tinha o dedo criador de Therèze, mas, em seu *paper*, por alguma misteriosa razão, não colocou o nome dela em nenhum lugar.

Contradições importantes também aparecem na esposa, alvo da maior ironia de Heliseu, apelidada de “Mônica-mnemônica” (TEZZA, 2014, p. 31), que, apesar da prodigiosa memória, não tem qualquer entendimento dos fatos que lembra obsessivamente. Sua sexualidade é posta em dúvida na relação com a amiga Úrsula, cuja presença desagradável é marcada territorialmente com o cheiro de cigarro pela casa – marca masculina aos olhos de um machista como Heliseu. O filho, Dudu, igualmente tem identidade sexual ambígua, mas de forma frontal, e esse é praticamente o único traço importante de personalidade que sabemos dele. Para entender Dudu, basta que o leitor aceite sua homossexualidade.

De longe, a maior complexidade está em Therèze, a amante quase-gazela. Feminina, mas mui-

to independente, “um tesãozinho, cá entre nós, uma mulher meio despachada...” (TEZZA, p. 154), é toda mulher, mãe, amante; porém, como todo judeu, tem identidade no mínimo dupla, judia e francesa. Essa ambiguidade surge no texto de forma recorrente, tanto no olhar da própria personagem (“Ninguém pode deixar de ser judeu; meu pai me disse uma vez, seria como o Ocidente renunciar a si mesmo.”) (TEZZA, p. 191) como do protagonista (“Therèze é nome de judia? Acho que você é uma cristã-nova, eheh.”) (TEZZA, p. 217). A complexa identidade de Therèze assume igual importância para Heliseu e para ela mesma. Nisso, Cristovão Tezza demonstra intimidade com literatura de temática judaica, de Kafka a Philip Roth, onde a busca pela identidade do judeu é um traço essencial. A presença do pai de Therèze em suas conversas o coloca no papel da velha geração, que entende a identidade judaica como a única que não pode ser tirada do judeu, nem mesmo se ele quiser. O tema, tão caro à literatura judaica, é explorado com leveza, mas de forma contundente, na obra de Tezza.

Essa questão permeia o texto de forma sutil, mas medular. É através da observação cirurgicamente construída de Heliseu, por exemplo, ao ouvir uma conversa a respeito de Therèze, que o leitor percebe o antissemitismo discreto no ambiente universitário: “a amante, mãe solteira, parece que judia (daquelas não praticantes, mas judeu é judeu)” (TEZZA, p. 154). Ao mesmo tempo, com igual sutileza, o autor dá a entender que Heliseu não compartilha desse preconceito. O leitor sabe, mas não sabe como sabe. Quando Tezza afirma, em diversas entrevistas, que *O professor* é o romance de sua maturidade literária, está coberto de razão.

Enquanto Therèze busca definir sua identidade, ora aludindo à herança amorosa do pai, ora morando em Israel (“eu preciso de um *sentido*”) (TEZZA, p. 147, grifo nosso), ela deixa claro que

não depende de Heliseu para se encontrar. Ele, ao contrário, percebe – ainda que tardiamente – que só estando em relação é que se sentia vivo. A independência quase militante de Thérèse, que ele associa a seu judaísmo, é justamente o que o desestabiliza. Ele a perde não por uma questão religiosa, mas por questão cultural. Como que capitulando, ao final de sua carreira, nesse dia de homenagem, o que ele vê de si é uma imagem muito judaica: “há sempre um toque de holocausto num velho nu...” (TEZZA, p. 127). Apenas essa frase já valeria o livro, mas há mais.

De personagens ambíguos, nenhum vence a misteriosa Diva, empregada da casa. Por um lado, boa, porque cuidou do menino, filho de Heliseu, durante os anos difíceis; por outro lado, sempre com um toque de maldade no olhar. Além de que é morena, de religião evangélica, magra e silenciosa, sabe-se pouquíssimo sobre ela. Descendente de índios, parece exercer sobre Heliseu certo domínio shamânico. Quanto disso se deve ao que ela possa ter visto no dia da morte da patroa e quanto ao que presenciou durante todos os anos na casa, nem Heliseu sabe – mas teme. Diva, porém, é quase só espectadora, está ali para testemunhar o ciclo de tragédia que acompanha a família, *le dor va dor*. Para começar, a mãe de Heliseu, que morre misteriosamente de uma queda, deixa-o com a certeza de que foi morta pelo pai por uma traição. Décadas mais tarde, é a vez da esposa, Mônica, cair para a morte, sem deixar certezas. O próprio Heliseu, que sofreu, na infância, abuso sexual nas mãos de um padre (e, pior, que não obteve do pai a proteção contra esse fato grave), permitiu, quando foi sua vez, que seu filho, Dudu, fosse negligenciado por sua esposa e por ele mesmo. Como o narrador é Heliseu, ele não sabe o que pensa Diva, mas temê-la o obriga a recontar para si exatamente o que aconteceu e com isso encarar seus demônios internos. O que

em tantos romances é resolvido com a facilidade de um diário, fotos ou cartas, constitui aqui uma sofisticada engenharia de descoberta. Uma personagem quase muda, movendo-se pela casa em silêncio, obriga o protagonista a falar tudo.

A técnica de Cristovão Tezza vai além. Importantes *plot twists* surgem e são rapidamente absorvidos na alternância de narrador em primeira e terceira pessoa. Fatos da história do Brasil dos anos oitenta e noventa são contados nas doses exatas da percepção que deles teriam – tiveram – os muitos milhões da classe média, no seu dia a dia. Os chavões repetidos pela massa ignorante, o ambiente universitário em sua sordidez e vulgaridade, o atual governo, pouco diferente daquilo que prometia pôr abaixo, nada disso escapa às reflexões de Heliseu.

Mas não sem poesia. O presente é um tempo emparedado, azulejado, quase inabitável. Não por acaso, muito desta manhã se passa no banheiro, revestido de velhos azulejos, com rachaduras que surgem para permitir o mergulho desse velho em sua memória: Heliseu no país do espelho. Em momentos de triste lembrança, a rachadura desaparece da vista; volta a doçura da lembrança, volta a rachadura. Em um dos momentos mais tristes, Heliseu se lembra de quando Thérèse lhe contou que esperava um filho dele, e ele, cavalheiro honrado, mas muito mais do que isso, imediatamente lhe propôs casamento. A resposta veio como flecha de curare: “*Casar – que ideia!* E, após um minuto de indecisão, voltou a me beijar para que eu não ficasse triste, e Heliseu sorriu, reencontrando na parede a fissura do azulejo que havia misteriosamente sumido de seus olhos.” (TEZZA, p. 147, grifo nosso) A metáfora da fissura como rota de fuga é preciosa, dá densidade à busca do tempo perdido de Heliseu.

O perfeito equilíbrio entre o passado e o presente; a sensação de vida atrofiada e estéril, repetida de geração em geração; a precisão de linguagem;

tudo leva o leitor a crer que o final está decidido muito antes da última página. Mesmo assim, é impossível abandonar o romance, e com recompensa: como em *Quadros de uma exposição*, de Mussorgsky, o tema vai tomando volume e dá fôlego para que a busca chegue a uma ponta de luz. O personagem parte para sua homenagem imbuído de força para recomeçar. Se a única vida que lhe resta é seu filho, as palavras de perdão entre pai e filho serão a moeda corrente para recuperar as chances perdidas da juventude. Esmagado pelo peso maravilhoso de uma folha, o leitor vira a última página.